

QUESTÕES SOBRE A ASCENÇÃO DAS DIREITAS NO CONTEXTO ATUAL: ENTREVISTA DE ISIDORO DAVIDE MORTELLARO ¹

RESUMO

Entrevista concedida por Isidoro Davide Mortellaro, professor da Universidade de Bari, Itália. Partindo da Itália como um laboratório privilegiado das tendências políticas internacionais, aonde se assistiu o nascimento e a ascensão do fascismo, Mortellaro responde questões referentes à ascensão das direitas no contexto atual.

Palavras-chave: ascensão das direitas; Itália; fascismo

ABSTRACT

Interview given by Isidoro Davide Mortellaro, professor at the University of Bari, Italy. Departing from Italy as a privileged laboratory for international political trends, where the birth and rise of fascism has been witnessed, Mortellaro answers questions regarding the rise of rights in the current context.

Keywords: rise of the rights; Italy; fascismo

RESUMEN

Entrevista realizada por Isidoro Davide Mortellaro, profesor de la Universidad de Bari, Italia. Partiendo de la Italia como laboratorio privilegiado de las tendencias políticas internacionales, donde se ha presenciado el nacimiento y ascenso del fascismo, Mortellaro responde preguntas sobre el ascenso de las derechas en el contexto actual.

Palabras clave: ascenso de las derechas; Italia; fascismo

Esta entrevista foi concedida por Isidoro Davide Mortellaro, professor associado pela disciplina de História das Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bari (Aldo Moro), Itália, aonde ensina História das Relações Internacionais no curso de História e Ciências Sociais, e História das Instituições Políticas no curso de

Ciências Históricas. A entrevista contou com a gentil intermediação de Professora Lea Durante (Universidade de Bari – Itália).

Motellaro desenvolve seu pensamento a partir da Itália e busca situar o tempo atual em termos da ascensão das direitas. A Itália, um laboratório privilegiado, que acolheu não somente o movimento Renascentista e depois gerando pensadores da envergadura de Maquiavel, mas que contemporaneamente fez surgir o fascismo e todos os desdobramentos, cujas consequências se observam ainda hoje. Vive-se atualmente um período caracterizado por crises que apresentam suas faces nos mais diversos governos à direita, cortando a Europa, EUA e América Latina. É um período, segundo Mortellaro, da “novilíngua”, do “duplipensar”, do controle, para pensarmos com George Orwell (1903-1950), e que se tornaram tão ou mais desafiadores para sua compreensão e a sua superação.

Também não seria possível ter uma síntese que definisse todo o conjunto de manifestações das direitas atuais, mas o tronco que lhes dão origem, sempre é o mesmo, a hegemonia ultraliberal impondo seu modelo de aprofundamento de classes a ponto de 1% dos mais ricos do planeta terem poder de controlar Estados inteiros.

Finalizando a entrevista Mortellaro vê em Gramsci um pensador que ajuda compreender estas realidades, pela agudeza realista de seu pensamento, dando pistas sobre a noção de crise, dos fenômenos ideológicos, dos processos da formação cultural e da hegemonia.

Entrevistadores: *Gostaríamos de falar da ascensão da extrema direita na Europa (os governos de Matteo Salvini e Viktor Orbán) e nas Américas (Donald Trump e Jair Bolsonaro). O que levou ao seu nascimento? Existem causas comuns ao nível internacional em condições de explicar este fenômeno?*

Isidoro Davide Mortellaro: Essencialmente aquela “metamorfose do mundo”, para dizê-lo com Ulrich Beck, que incitada pelos processos da globalização está nos levando a outras formas de vida. Uma mutação que agora encontra novo alimento na pandemia do

coronavírus: uma passagem em que estamos profundamente imersos e da qual é ainda muito difícil de identificar os contornos.

Um tempo o mundo girava em torno a nações e Estados. Hoje Estados e nações, embora ativos e irrequietos, bailam em torno ao mundo. Isto nos desarma, nos deixa sem os reparos de outro tempo: agora a nossa vida e o mundo não parecem mais entidades separadas. Naufragamos continuamente em busca constante de botes salva-vidas.

A nos empurrar violentamente nesta nova era está aquela luta de classe vencida pelos ricos, como admite um dos mais notórios expoentes dos 1% mais ricos da pirâmide social: Warren Buffett. O neoliberalismo imperante, após ter abatido ou convertido aquilo que um tempo chamávamos “socialismo realizado”, destruiu as casamatas que no Ocidente e sobretudo na Europa, haviam fornecido a ossatura do Estado Social. Para não falar das desigualdades abissais que, por todo lugar e em cada âmbito da vida, estão fraturando o mundo como nunca. A ponto de pôr em discussão já – pensemos na genética e na bioengenharia – o comum pertencimento ao gênero humano.

Isso sem falar da contribuição dada pela sorte deste amplo alargamento dos espaços de ação concedido pela crise das esquerdas: velhas e novas.

Tudo isto iniciou há mais de meio século: com o 1968, animado por um primeiro grande sujeito global, consciente que os desafios do futuro eram já globais. Desde então, por sucessivas fases – basta pensar nas campanhas *no-global* ou pelo pacifismo mundial: a segunda superpotência do planeta, segundo o *New York Times* – a consciência global cresceu, sem conseguir nunca dar substância à percepção do novo mundo que estava nascendo: palavras de ordem, ideias reguladoras, formas organizativas. Ao contrário, soube melhor aceitar o desafio da globalização o neoliberalismo à “*stelle e strisce*”², autor de uma grande virada: muito resumidamente, ator fundamental de um extraordinário processo de “revolução passiva” capaz de desfrutar a *nouvelle vague* da contestação juvenil, de traduzi-la globalmente nas receitas estreitas e até agora vencedoras do ‘consumismo’ e do ‘individualismo’ planetários.

O mundo foi varrido, enquanto os críticos eram lentamente absorvidos e emudecidos. A modernidade edificada no segundo pós-guerra com o *welfare* de massa foi subvertida.

Vivemos já o futuro e a mudança induzida pelas ondas tecnológicas e pela liberalização com angústia, com ansiedade crescente. Para não falar do enlouquecimento dos eixos em torno dos quais agora gira o mundo: já de um tempo no Pacífico e não mais no Atlântico. E nos maravilhamos se depois um nó na garganta – e a própria imaginação política – nos mantém parados, ao lado da busca espasmódica de reparo e proteção?

Está aí o motivo para a sorte das direitas do terceiro milênio.

Entrevistadores: *A ascensão de Trump, Salvini e Bolsonaro encontra um ponto em comum no papel inspirador e de coordenação internacional assumido por Steve Bannon. Pode nos falar da função desenvolvida por Bannon na Itália até agora?*

Isidoro Davide Mortellaro: Não estamos seguramente diante de uma reencarnação à “*stelle e strisce*” de Gabriele D’Annunzio. Nem do Mosteiro de *Trisulti*³ podemos esperar o renascimento da “*aventura fiumana*.”⁴ Os acontecimentos recentes estão encarregados de esvaziar muito a figura e o papel de Steve Bannon após a notoriedade conquistada graças à vitória de Trump e aos escandalosos entrelaçamentos entre *facebook* e *Cambridge Analytica*. O peso e a importância do personagem resultaram temporâneos e marginais nos acontecimentos brasileiros e italiano: na medida em que aos poucos emergiam figuras ou ligações particulares. Quando muito outras considerações deveriam ser desenvolvidas acerca das contradições inevitáveis reveladas até agora pelas vãs tentativas de conquistar alguma coordenação nas várias formas e manifestações de soberanismo: todas quebradas ou destruídas pela inevitável hierarquia induzida pela existência de desníveis supranacionais e pelas forças em campo (muito mais amplas e acidentadas do que aquelas aqui indicadas: como silenciar sobre a China, Índia, Rússia, Turquia etc.?). Uma “internacional dos xerifes” está destinada inevitavelmente a permanecer *flatus vocis*, conversa inconcludente: a quebrar-se em relação aos poderes absolutos reivindicados em cada condado ou principado. Mas então: estamos mesmo seguros que a ameaça às liberdades hoje, a corrosão profunda de toda regra democrática, decorram essencialmente da ação de personagens como Bannon?

Entrevistadores: *O fascismo nasceu na Itália, com Mussolini, chegando depois ao poder na Alemanha com Hitler. Estas experiências históricas podem ser consideradas clássicas, universais ou irrepetíveis. Qual a relação entre o fascismo hoje e o fascismo histórico dos anos 1920 e 1930?*

Isidoro Davide Mortellaro: Há decênios e no mundo estão em curso contínuas e inesgotáveis investigações e discussões sobre o fascismo, sua natureza e suas diferenças substanciais em relação ao próprio nazismo. Impossível resumi-las aqui. Deve-se também notar como este debate seja só uma parte de uma discussão mais geral – em particular, na Itália e sobre a Itália – a propósito do fascismo como “autobiografia de uma nação”, de um país extremamente vulnerável e disponível a toda “simplificação”. Deste ponto de vista, ainda hoje mostra-se exemplar o trabalho desenvolvido por Umberto Eco sobre o “fascismo eterno”⁵, acerca de algumas de suas características que diríamos de “longo período”, que marcam uma época, características gerais. Erraríamos, porém, ao insistir neste caminho em relação a um dado fundamental que faz a diferença na análise deste terceiro milênio no que diz respeito àqueles que, historicamente, nos anos vinte e trinta, presidiram o nascimento do fascismo histórico. Eles realizaram – sobretudo – uma forma particular de “regime reacionário de massa” em resposta ao prioritário caráter histórico de uma era caracterizada pela “rebelião das massas”, para dizê-lo com Ortega y Gasset. Como e porque esse traço epocal encontrasse depois no “subversivismo das classes dominantes” analisado por Gramsci, uma solução antecipadora de tantas páginas trágicas, é também isto um tema de duradouro e infinito debate.

O que aqui interessa evidenciar é o traço absolutamente outro não só das direitas que povoam o panorama global hodierno, mas da nossa era. Estamos em um outro tempo. Não mais pleno de pessoas, movimentos, massas. As nossas praças estão vazias, assim como frequentemente as urnas, desertadas pela maioria, sem mais partidos, elites reconhecíveis, movimentos estruturais.

É um tempo de “novilíngua” e “duplipensar” à moda Orwell: mas não aquele temido pelos Popper ou Sartori, de um público passivo hipnotizado pela TV. Hoje novilíngua e

duplipensar são produzidos por bilhões de caracteres por segundo a partir de polegares incansáveis em milhões de telas que, na inesgotável produção planetária de fake-news, entregam a círculos restritíssimos de hipermodernas oligarquias um inédito controle sobre o globo. Nos anos vinte e trinta estes protagonismos construía, ainda que sob a forma totalitária, “povos”. Hoje, na excitação individualista planetária, esta imensa máquina de comunicação desenha “plebes” hipermodernas.

É esta diferença de época que se deve ter presente se se quer construir um dique e uma alternativa às fortunas das direitas hodiernas. É a partir do vínculo social construído – embora difícil de decifrar – por esta comunicação onipresente que é preciso cavar para dar novamente espessura e sentido ao agir político. É neste mingau de altíssima densidade social, coberta por um frenesi comunicativo de elevadíssima taxa individualista, que é preciso afundar as mãos, sujar-se. Do contrário se continua a tatear no vazio: como infelizmente acontece a alguns decênios.

Entrevistadores: *No Brasil, há um intenso debate sobre se o governo Bolsonaro é ou não fascista. Segundo alguns o seu governo não pode ser definido como fascista, porque carece de um sistema de representação exclusivo e porque não reivindica a própria autonomia no quadro imperialista internacional, como ocorreu na Itália e na Alemanha no século passado. Segundo outros se trata ao contrário de um governo fascista, mas nas condições de uma nação dependente como o Brasil, nas quais os termos da ditadura fascista não podem ser os mesmos de um país imperialista. Alguns temem a banalização do termo “fascista”, já que é usado frequentemente de maneira retórica, como uma forma de desqualificação. A rigor, podemos dizer que o governo Bolsonaro unifica diversos grupos de direita: fundamentalistas cristãos, neofascistas, apoiadores da ditadura militar instaurada entre 1964 e 1985, conservadores, neo e ultraliberais. No interior desta aliança compósita convivem as posições antidemocráticas do presidente, que nunca escondeu defender a tortura e até a eliminação física dos opositores daquele período, com a agenda hiperliberal encarnada pelo ministro Paulo Guedes (formado pela famigerada “escola” dos economistas da Universidade de Chicago e já tendo servido a Augusto Pinochet nos anos*

da sangrenta ditadura chilena). Dito isto, poderíamos pensar, trabalhando com a hipótese do fascismo, em uma aliança entre fascismo ultrarrepressivo e liberalismo? Nesta aliança, o que haveria de estratégico e de episódico? Quais seriam seus objetivos comuns? No caso da Itália de hoje, qual foi o debate na Itália acerca do governo Salvini? As diversas interpretações sobre as características de um governo – se ele é fascista ou não – determinam as posições assumidas pelos setores da oposição?

Isidoro Davide Mortellaro: Se o que foi dito até agora tem algum sentido, então a discussão deveria se prender mais nas contradições que algumas formas de soberanismo provocam em relação às tendências hiperliberais que continuam a fazer escola por toda parte no mundo (mas então é sobre outra parte do globo que a atenção deveria prioritariamente se fixar: é mais urgente olhar o Pacífico, porém com um outro conjunto de questões). Devendo confessar uma ignorância quase absoluta acerca do particularíssimo evento político brasileiro, me parece mais profícuo identificar nesta direção a interrogação, assim como não me parece infundado o temor sobre a inevitável banalização de uma discussão de sentido único sobre o caráter fascista ou não do governo Bolsonaro. A um observador externo, unem-se imediatamente os traços amplamente “sincréticos” das suas mensagens (como em todas as formas autoritárias de “governança”): colagens frequentemente variadas de elementos fortemente contraditórios. O que, de um lado, concede e permite amplos espaços de manobra e de sobrevivência, mas – de outro lado – abre também grandes espaços a uma oposição capaz de interrogar as novas e inéditas emergências sociais e ambientais suscitadas.

Felizmente, não ocorreu ainda na Itália um governo Salvini: o “primeiro governo Conte”, sepultado pelo próprio Salvini, havia outro sinal e característica. Ocorreu e continua a ocorrer uma forte discussão sobre o fenômeno Salvini, sobre o seu pós-leghismo⁶, sobretudo sobre a pulsão securitária que se imprime ao tema da imigração, assumido como emergência absoluta, sobre o seu euroceticismo (verdadeira virada que se impõe às escolhas históricas da *Lega* lombarda, desde sempre “sujeito constituinte” da União Europeia, da assim chamada “Europa de Maastricht”). Crônicas e história, porém, se encarregaram também de relativizar o meteoro Salvini entre uma mais ampla discussão sobre a variedade

das direitas europeias e italianas e, sobretudo, sobre a profundidade da crise institucional italiana e os inéditos desafios que põem à duríssima prova a União Europeia: até a sua sobrevivência.

Entrevistadores: *A Itália é considerada no Ocidente um laboratório político, porque se considera que na história as experiências da política italiana se difundiram bem além do seu território, como o Renascimento e o fascismo. Ao mesmo tempo, a Itália forneceu grandes pensadores à ciência política como Nicolò Machiavelli, Benedetto Croce, Vilfrido Pareto, Gaetano Mosca, Antonio Gramsci. Observado os dias de hoje, há alguma coisa na experiência social e política italiana que pode ajudar-nos a explicar esta fase internacional? Em que medida o pensador fiorentino e o pensador sardo ajudam a compreender a realidade atual?*

Isidoro Davide Mortellaro: A Itália tem sido sempre um observatório privilegiado. Para nós – sobretudo em razão dos traços particularíssimos assumidos pela nossa história nacional, pelo caráter restrito e frágil das forças constituintes que presidiram o desenvolvimento nacional – todos os grandes processos históricos que distinguiram as grandes viradas e fases políticas se apresentaram com clara e ampla antecipação. Uma tendência confirmada com ainda maior evidência nos anos mais recentes da aventura europeia – de Maastricht em diante – e pela decomposição do sistema político italiano. Hoje não existe país da União Europeia que, seguindo os passos italianos, não veja abalada a ordem política tradicional: desaparecidas quase por toda a parte as usuais famílias políticas, inexistente já o bipartidarismo de tempos passados, os níveis impensáveis de abstencionismo político. Por toda parte irrompe uma crise de representação aberta antecipadamente e com características extraordinárias pelo “caso italiano”.

Esta fragilidade expõe ainda mais a Itália – também dada a força do seu “cosmopolitismo” – aos imperativos de um mundo que se faz sempre mais vida cotidiana. Erraríamos, porém, se não reconheçêssemos que não estamos diante de problemas absolutamente inéditos. Todo o século XX foi ocupado pela tentativa de encontrar uma

solução à intolerável anarquia internacional, que por duas vezes custou centenas de milhares de mortos. A Liga das Nações e as Nações Unidas não são só fracassos. Há decênios que projetos de reforma desta última estão encaalhados essencialmente por egoísmos soberanos difusos. Antes de aventurar-se por agendas de sonhos, seria melhor debruçar-se sobre o trabalho deixado em suspenso.

Também por este lado torna-se útil o ensinamento e a advertência de Antonio Gramsci. Com as suas lições de grande realismo, os seus ensinamentos quanto a ter o cuidado em “sonhar de olhos abertos” e “fantasiar”. Com o seu convite a aguçar mente e lentes de leitura, para ler quando a crise se torna realmente “orgânica”, quando “o velho morre e o novo não pode nascer”, com os “fenômenos morbosos mais variados”. Sobretudo, com o seu trabalho acerca das formas de hegemonia. Não por acaso foi este o terreno em que se tornou um dos pensadores mais lidos do mundo: antes de tudo para decifrar em todas as suas sinuosidades aquele entrelaçamento de relações que tornaram extraordinariamente complicado no mundo a relação entre indivíduo, política e poder.

Itália, 23 de setembro de 2020

NOTAS

¹ Contribuíram com as questões para esta entrevista os Professores Cezar Luiz De Mari (UFV/MG), Gianni Fresu (UFU/MG) e Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves (UEG/GO). A tradução da língua italiana para a portuguesa foi gentilmente realizada pelo Professor Marcos Aurélio da Silva (UFSC/SC).

² (NT) “Estrelas e listras”, em referência à bandeira dos Estados Unidos.

³ (NT) Referência ao mosteiro beneditino do ano 1220 próximo à Roma (Colleparado, província de Frosinone), em que Steve Bannon pretendia estabelecer sua “escola do populismo”, definida como a “Academia do Ocidente cristão-judaico”.

⁴ (NT) A aventura “*fiumana*” diz respeito ao movimento liderado pelo poeta Gabriele D’Annunzio, que ocupou em 1919 a cidade de Fiume. Os legionários de D’Annunzio posteriormente se aproximaram do fascismo, formando uma de suas bases. Para as referências de Gramsci a esta aproximação veja-se Liguori, Guido. D’Annunzio, Gabriele. *Dicionário Gramsciano – 1926-1937*. São Paulo: Boitempo. Liguori, Guido e Voza, Pasquale (orgs.). Trad. Ana M. Chiarini et. al., revisão técnica Marco A. Nogueira, 2009, p. 315.

⁵ (NT) Eco, Umberto. *Cinco escritos morais*. Trad. Eliana Aguiar. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

⁶ (NT) Referência à *Lega Nord*, o partido liderado por Matteo Salvini.